

Não é difícil fugir do seio dos bandos armados

— diz António Rafael Cambule, fugitivo dos bandidos, que se entregou com arma em Gaza

«Não é muito difícil fugir dos bandidos armados, porque eles não têm nenhuma organização. Só aquele que é muito medroso, ou então já está envenenado pelas drogas que lá dão, fica muito tempo. Eu próprio não sou lá muito corajoso, porque sempre receei pela minha vida, mas o sofrimento que lá passei emprestou-me a coragem suficiente para fugir e consegui-o. Gostava de apelar a outros irmãos, levados à força, que estão lá a sofrer, para que sigam o meu exemplo e de muitos outros que também têm conseguido fugir» — disse-nos António Rafael Cambule, fugitivo do banditismo armado, para onde tinha sido arrastado à força das armas, e que se apresentou com a sua arma às FAM/FPLM, em Gaza.

O termo «sofrimento», que António Rafael Cambule emprega com frequência nas suas declarações, traduz a ideia precisa não só das vicissitudes passadas nos acampamentos dos bandos armados, que só ele conhece com exactidão, mas também aquela com que qualquer um pode ficar logo à primeira, vendo-o.

Trémulo e de andar arrastado, mal se aguentando nas pernas, António Rafael Cambule é a personificação viva de um indivíduo mirrado pela fome e pela doença.

O seu pequeno corpo está semeado de contusões, arranhões múltiplos, à mistura com borbulhas diversas. A despeito da sua pouca idade, apenas 22 anos, é impressionante o esforço que faz para andar, podendo recear-se que a qualquer momento ele fique reduzido a monte de ossos desconjuntados, tal a escassez de carnes naquele corpo, onde só os dois grandes globos dos seus olhos contrastam e adquirem certa vivacidade.

SÓ COMIA PELE DE BOI

— Entrei para os bandos armados em Janeiro de 1984. Encontraram-me na minha machamba a cultivar mandioca, lá na minha terra, em Jangamo, Província de Inhambane, e depois de invadirem a machamba e arrancarem tudo, obrigaram-me a acompanhá-los — assim começa o seu relato.

Conduzido ao acampamento central de Nhanombe, ainda em Inhambane, quando lá chegou foi amarrado a uma árvore, onde permaneceu durante três dias nessa dolorosa situação.

— Quando me desamarraram fui enviado para o treino, que teve a duração de um mês. Depois, destacaram-me para fazer parte de um grupo que seguiu para Pululu, a fim de aguardar um avião da África do Sul

que veio descarregar armas e outro material de guerra. O avião chegou por volta da meia-noite, ou mais tarde, não posso agora precisar bem, e lançou o material em caixas.

O carregamento do material até ao acampamento central (em Nha-



«Não sou muito corajoso, mas o sofrimento deu-me a coragem suficiente para fugir» — António Rafael Cambule, que esteve cerca de cinco meses nos bandos armados

nome) processou-se num valém que se prolongou por três dias, segundo dizia Rafael Cambule, que adianta:

— Depois disso, foram-nos distribuídas as armas...

— Mas lá o que é que comiam? (perguntámos, interrompendo a narrativa do nosso entrevistado).

— É sempre pele de boi. Lá, todos os recrutados (como eles chamam

aqueles que acabam de chegar) ou mesmo os bandidos simples (não graduados), com excepção daqueles que são veteranos, comem pele de boi, às vezes cabeças e patas.

— E como é que se preparava a pele de boi, para comer?

— Primeiro assa-se, para tirar os pêlos depois raspam-se, em seguida coze-se numa panela, lata ou qualquer recipiente.

— E onde encontram as panelas?
— São aquelas que eram trazidas pelos emadibbas ou roubadas às populações, durante os assaltos.

GRUPO PARA MAPUTO

— Depois da distribuição de armas deram-nos um comandante. E fomos enquadrados numa companhia de 184 homens, para seguirmos com destino a Maputo, onde vínhamos montar um acampamento, não sei precisamente onde.

Durante a marcha, que durou mais de uma semana, conforme afirma Rafael Cambule, pelo caminho faziam pequenos assaltos, por iniciativa do próprio comandante, não só para roubarem comida, como também para satisfazerem os seus instintos de gente que só vive a matar e destruir.

— Quando chegámos a uma parte, perto do mar, um grupo de 28 bandidos, entre os quais eu também, fugimos dos restantes, por estarmos cansados de andar e da fome. Mas, como eu visse que a intenção deles era de continuarem a levar aquela vida, separei-me daquele grupo e fugi sozinho, até encontrar uma mulher camponesa que trazia feijão. Pedi-lhe um pouco e ela deu-me, perguntet a casa dela e ela disse-me que ficava perto e pedi-lhe para ir lá cozinhar o feijão, porque tinha muita fome, ela levou-me à sua casa, onde cozinhei e comi.

— Tu falas em pedir, mas o bandido armado pede ou obriga aos pes-

soas a fazerem o que ele quer, e só a ameaça da arma?

— É verdade que quando estamos em grupo exigimos que nos deem o que pretendemos, à força. Mas naquele caso, eu pedi, estava demasiado estomeado e não tinha intenção nenhuma de fazer mal à mulher.

— Depois de comer o feijão, abandonaste a casa dela deixanoo-a em paz?

— Sim, quando acabei de comer perguntei-lhe onde ficava o quartel dos soldados da Frelimo. Ela indicou-me e eu fui lá, entregar-me com a minha arma, em Hati-Hati. Isso foi no mês de Maio.

No quartel, António Rafael Cambule foi bem recebido pelos soldados, que lhe deram comida. Em seguida mandaram-no para Maquize e mais tarde, foi transferido para o Comando Militar de Gaza, em Chibuto.

NÃO HÁ ORGANIZAÇÃO NOS BANDOS ARMADOS

— Mas, dizes que fugiram 28 homens de uma só vez, como foi possível isso?

— Não é muito difícil fugir dos bandidos armados, porque lá não há uma organização, assim, grande. Por exemplo, quando eles andam no mato nem olham para trás e a pessoa pode facilmente deixar-se ficar atrás e, em qualquer momento, desvir-se e fugir. Só aquele que é muito medroso, ou então os que já estão envenenados pelas drogas que lá dão, ficam muito tempo. Eu também não sou muito corajoso, porque receo o pela minha vida, mas o sofrimento deu-me coragem para fugir.

— Dizes que há aqueles que estão envenenados pela droga, que droga são lá?

— É suruma. Todos são obrigados a fumar suruma, mas se você fumar bem (engolir o fumo) fica drogado. Eu nunca engoli o fumo...

— E aqui, no Chibuto, como tens sido tratado, depois de te entregares com arma?

— Tenho sido bem tratado. Como, lavo-me e vou ao hospital. O único problema que vejo é o da falta de sabão...